RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

A ORGANIZAÇÃO - A Odebrecht e o esquema de corrupção que chocou o mundo

Prof. Dr. Márcio Magera Conceição, Ph.D[1]

Submetido: 02/01/2021
Aprovado: 06/01/2021

ANÁLISE DA OBRA

A organização - A Odebrecht e o esquema de corrupção que chocou o mundo, livro da jornalista e escritora Malu Gaspar, é uma obra de arte, foi um presente que a jornalista deu ao povo do Brasil neste ano de 2020, a qual todos nós brasileiros deveríamos ter a obrigação de ler. Não há dúvida que será uma leitura adotada em vários cursos de bacharelados e licenciaturas nos próximos anos. Em 639 páginas e três anos de pesquisa e muito trabalho, Malu Gaspar expõe as vísceras do sistema político brasileiro e de boa parte dos países da América Latina e África e como os políticos, muitos chefes de Estado e empresários brasileiros rifaram e traíram o povo do Brasil nas últimas décadas. Uma relação entre empresários, agentes públicos e políticos, "quase" de uma quadrilha organizada, aparelhada para roubar os cofres públicos da União. Um sistema nunca visto na história da humanidade.

O livro tem como contexto de pano de fundo, a história de três grandes empresários e empreendedores do nosso país, Norberto, Emílio e Marcelo Odebrecht. Ressalta-se a importância de ler a obra utilizando os mesmos métodos que a autora a descreveu, com imparcialidade e muita objetividade. Não se deve julgar suas condutas sem antes conhecer o contexto ao qual estes empresários estavam no momento histórico e político do nosso país. Norberto foi o fundador da organização em 1944, e permaneceu no comando até 1991, quando entra em cena seu filho mais velho, Emílio, que dirige a companhia até 2002, entregando o comando a Marcelo, seu primogênito. Emílio acaba voltando ao comando da Odebrecht em 2019, quando Marcelo é demitido da empresa. O comportamento e ações podem ser condenados, mas eram as regras do jogo, sem propina paga a alguns agentes públicos e políticos, não haveria obras, a concorrência entre grande parte das empreiteiras se dava no campo das negociações de bastidores com os operadores dos corruptos. Quem oferecia e dava mais, ganhava a obra. Mas, e o mérito e o projeto? Eram apenas um detalhe nas negociações, que as vezes até atrapalhavam o negócio de ambos.

Para entender esta obra e fazer uma análise objetiva é preciso que o leitor conheça um pouco da história do Brasil, passando antes pelos livros: *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre; *O povo brasileiro*, Darci Ribeiro; *Formação econômica do Brasil*, Celso Furtado; *Capitães do Brasil*, Eduardo Bueno; *Como nasceram as cidade do Brasil*, Plínio Salgado; *O capitalismo tardio*, João M. C. de

[1] Doutor em Sociologia pela PUC, São Paulo, Doutor em Administração pela FCU- USA, Mestre em Sociologia pela PUC, SP, Mestre em Administração pela UNG, SP, Economista pela PUC. Escritor, jornalista e editor chefe da Revista RECIMA21. Professor universitário há 25 anos, avaliador do MEC/INEP, desde 2006, possui três pós-doutorado, UNICAMP, FCU-USA e Universidade de Coimbra, Portugal. Atualmente é Pró-Reitor da Universidade de Guarulhos – Grupo Ser Educacional.

Mello; *Mauá, Empresário do Império*, Jorge Caldeira; *O Estado Novo*, Maria Celina D'Araujo; *As veias abertas da América Latina*, Eduardo Galeano; *A ditadura envergonhada*, Elio Gaspari, entre outras obras que descrevem a triste e emblemática relação entre o sistema público e o privado em nosso país.

O livro descreve as engrenagens de um sistema de pagamento de propinas que parecia inviolável, uma relação doentia entre grande parte dos políticos de todos os espectros ideológicos e os maiores empreiteiros do Brasil, verdadeiras quadrilhas que desviaram juntas mais de 1,3 trilhões de dólares (câmbio do ano de 2015). Este fato explica porque o Brasil tem os piores números do planeta em infraestrutura, divisão de renda, educação, saúde pública, entre tantos problemas socioeconômicos que envergonham os brasileiros de bem que pagam rigorosamente seus impostos, acreditando que este dinheiro seria utilizado de uma forma séria e honesta, mas infelizmente, boa parte deste dinheiro vai parar em algum paraíso fiscal, cuecas, malas em apartamentos-cofres, reforma de sítio, reforma de apartamento, carros de luxo, relógios de luxo, tudo isto e muito mais, temos que assistir e ler diariamente nos veículos de comunicação do nosso país. Sem deixar de relatar o tamanho do Estado brasileiro, agentes públicos que possuem altos salários e aposentadorias pomposas, enquanto o povo brasileiro passa fome e morre nas filas dos hospitais sem infraestrutura, por falta de dinheiro, segundo a justificativa secular dos políticos aos seus eleitores. Por isso, a importância que este livro seja uma leitura obrigatória para todos que desejam ter um país melhor para se viver. Entretanto, olhar pelo retrovisor não mudará os fatos, mas conhecendo melhor COMO aconteceu, é possível dar um novo rumo ao nosso país.

No capítulo 1, a autora descreve um pouco da ascensão do Marcelo Odebrecht e como era a relação conflituosa com o seu pai, Emílio Odebrecht e o avô de Marcelo, Norberto Odebrecht. Em seu aniversário, em 18 de outubro, Emílio mandou entregar uma carta com o recibo de um quadro no apartamento de Marcelo em Salvador, onde ele passava uns dias com a esposa e filhas. Este quadro Marcelo queria ter comprado, mas achava muito caro e o seu pai, sem seu conhecimento, acabou comprando e dando para ele como presente de aniversário, e ao mesmo tempo buscando se aproximar do filho. Pag. 32. Nas férias, Norberto levava os netos para a ilha de Kieppe, uma faixa de terra no meio da baía de Camamu, região paradisíaca do litoral sul da Bahia, concedida pela Marinha à família Odebrecht. Norberto já não mais comandava a empresa, passando para Emílio o comando geral da Odebrecht. Norberto passou a usufruir um pouco do que havia ganhado. Pag. 32. Apesar de trabalhar muito, Emílio Odebrecht tinha um lado hedonista – O hedonismo é uma teoria filosófico-moral que afirma que o prazer é o bem supremo da vida humana – que faltava aos outros dois, seu pai e seu filho. Expansivo e carismático, gostava de comida, bebida, mulheres e arte. Este gosto era muito parecido com os políticos com os quais ele se relacionava. Pag. 33. Marcelo passara os três anos anteriores no exterior, estava em fase de preparação para assumir o comando da empresa – primeiro estagiando em uma subsidiária da Odebrecht na Inglaterra, depois concluindo uma especialização na Suíça, e finalmente no escritório americano da empreiteira. Em 1998, estava de

volta ao Brasil. Pag. 33. Obsessivo e metódico, Marcelo conseguia tirar dos números orçamentários o que os contemporâneos de Emílio, apesar da experiência e intuição, não sacavam. Na época, o pai comandava a equipe e o filho era um de seus subordinados. Pag. 33. Emílio tinha uma preocupação em não repetir com seu filho Marcelo os conflitos que ele viveu com seu pai, Norberto. Pag. 35. Em 2008, a Odebrecht tocava as cinco maiores obras em curso no país – com contratos que somavam 800 milhões de dólares – era o símbolo do colonialismo brasileiro na região, segundo a autora na página, 39.

Capítulo 2, a autora explica a relação de Norberto Odebrecht e o General Ernesto Geisel, chefe do regime militar que comandava o Brasil na época. Sua mágoa por não conseguir conduzir obras fora do Nordeste e a oportunidade que teria agora se aproximando do regime militar, poderia de uma vez por todas participar do clube dos barrageiros, o grupo de empreiteiras habilitadas a erguer hidrelétricas no Brasil, do qual faziam parte somente a Mendes Junior, Camargo Corrêa, Cetenco e a Andrade Gutierrez. Isto iria mudar com a obra da Petrobrás. Uma de suas frases "entro na lama com os porcos, mas saio do outro lado limpo e de terno branco" era uma de suas preferidas para explicar a relação com a corrupção. Pag. 53. A autora explica também a relação íntima que Norberto tinha com ACM – Antônio Carlos Magalhães. Pag. 53.

Capítulo 3, a autora descreve o relacionamento de Emilio e seu pai Norberto Odebrecht, ao longa da década de 70 e 80. Na página 67, a autora escreve "Em um quesito, contudo, não havia grandes diferenças. Na CBPO, Emílio e Novis encontraram um esquema de pagamentos a políticos e agentes públicos bem parecido com o da Odebrecht. Havia um funcionário destacado para administrar os pagamentos no caixa dois, primordialmente a políticos e agentes públicos. O modo de obter o "por fora" também era mais ou menos o mesmo, contratando subempreiteiras que superfaturavam serviços ou davam notas falsas, ou superfaturando a compra de terrenos para desviar parte dos recursos". Na página 68, descreve o espanto de Novis sobre o governador de São Paulo, Paulo Maluf, dizia que ele era muito guloso por dinheiro de obras. As empreiteiras superfaturavam as obras, porque sabiam que tinham que pagar propina aos políticos, na época algo em torno de 3%. Pag. 68. Neste capítulo ainda, a autora cita a aproximação de José Serra com Novis, "Serra nunca deixou de pedir dinheiro para as campanhas, e a Odebrecht nunca deixou de dar", página 69. Um dos primeiros países que a Odebrecht iniciou seu novo processo de trabalho político foi em Angola, na África nos anos 80. Pag. 73. Quem imagina que as doações são recentes, não conhece a história do Brasil, já na década de 80 a Odebrecht tinha uma lista de mais de quatrocentos nomes de agentes públicos, políticos e lobistas. Sempre com muitos detalhes de nomes, datas, locais e valores, Malu Gaspar com maestria descreve os caminhos do dinheiro sujo por onde passavam empresários, políticos e agentes públicos do Brasil e de parte dos países da América Latina.

Capítulo 4 traz o cenário da década de 90, e o curto período de Fernando Collor na presidência do Brasil, e seu operador, que na época era Paulo César Faria, o PC. Em uma

passagem a autora descreve a fala de um auto executivo da Odebrecht "Presidente, eu estou acertando os assuntos com o PC. É isto mesmo? ", página 85. Relata também o envio de muitos presentes para o Collor enviado pelo Emílio, entre eles um Rolex de ouro que os assessores da empresa enviavam para a Casa da Dinda. Pag. 85. Há um relato de uma festa do PC comemorando uma arrecadação de mais de 1 bilhão de dólares. Pag. 85. Neste capítulo a autora explica a CPI do Orçamento e os deputados chamados de "anões do Orçamento". Havia uma pressão das empreiteiras para receber o dinheiro das obras que o governo federal devia. Na página 104 a autora descreve a aproximação de Emílio com os donos de jornais, revistas e TVs, para melhorar a imagem da empresa. Neste capítulo, o leitor começa a ver o quanto tudo isto fazia mal ao Brasil, mas que dificilmente o povo seria um dia convidado a fazer parte da distribuição, somente sendo chamado para pagar a conta.

Capítulo 5, a autora fala como Lula conheceu o Emílio e como o empreiteiro conseguiu acabar com uma greve de empregados com a ajuda do sindicalista que estava em alta na época. Quem apresentou Lula a Emílio foi o prefeito de São Paulo Mario Covas. Descreve ela na página 107, "A caminho da casa, satisfeito com a boa jogada que acabara de fazer, Emílio sorria, lembrando uma conversa com Golbery do Couto e Silva, ex-chefe da Casa Civil dos presidentes Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo, Lula não tem nada de esquerda, é um *bon vivant!* ". Segundo a Odebrecht, em sua nota as doações a partidos era uma prática comum e também de sobrevivência, visto que quem se negasse a doar, não entraria com chances nas licitações públicas. Pag. 111. Neste capítulo a autora descreve também como Frei Chico passa a ser o interlocutor entre os sindicatos e a cúpula do PT. Ele ganhava um salário de 15 mil reais a cada trimestre, pago pela Odebrecht. Pag. 114. Lula procurou colocar a família indiretamente nos negócios do governo federal.

Capítulo 6, no final da década de 90, houve uma operação orquestrada pelo governo de FHC para salvar a Odebrecht. Relata a autora, "Em todas as campanhas do tucano da disputa pela prefeitura de São Paulo, em 1985, às eleições presidenciais de 1994 e 1998, a empreiteira compareceu com doações generosas. Pag. 124. Nesta página também está a delação premiada de Emílio sobre sua relação com FHC. E na esteira de aproximar pessoas importantes e com interesses comuns, o PSDB, através do FHC, que apresentou Hugo Chaves para a empresa Odebrecht, dando assim a continuidade do *network* político. Pag. 133.

Capítulo 7, a autora descreve Marcelo Odebrecht e como foi seu casamento com Isabela Alvarez, quando a noiva tinha 21 anos, e ele 24 anos. Foi o acontecimento do ano na Bahia e em todo o Brasil. O casamento para ele seria uma oportunidade de chegar ao controle absoluto da empreiteira, por ter passado por vários departamentos da empresa e tinha se preparado no exterior. Revistas, jornais e muitos programas de TV noticiaram o acontecimento como algo importante para a sociedade. Pag.140.

Capítulo 8, a Odebrecht entrou no ano de 2000 em crise profunda. As dificuldades financeiras que vinham da década de 90 se agravaram ainda mais e novamente eles precisavam do governo

federal para arrumar o caixa da companhia. Pag.144. Neste contexto, segundo a autora, Emílio Odebrecht procurou Lula antes das eleições de 2002. E antes de sair do comando, FHC procurou Emílio e disse "Vou criar meu instituto, o instituto FHC, preciso de ajuda". Pag. 155. Emílio estava contente com a vitória de Lula, sabia que a relação com o PT seria melhor, mais frutífera do que com o PSDB. Pag. 156.

Capítulo 9, a autora mostra o início da relação do novo governo de Lula com a Odebrecht e como a dança das cadeiras dentro da Petrobrás ajudaram a Odebrecht a conseguir o que almejava do governo petista. Nesta relação aparecem José Dirceu, Palocci e por fim, Paulo Roberto Costa, Renato Duque, Janene e José de Alencar. Com esta tropa, de choque a Odebrecht passa a ganhar quase todas as principais obras do governo federal. Superfaturava os contratos para repassar a seus amigos, agentes públicos e políticos, enquanto Marcio Faria, fazia a interlocução entre os interessados em verba pública. Pag. 164, 165 e 166. Na página 172 a autora assim descreve a empresa, "A Odebrecht de 2004 era uma multinacional com 50 mil funcionários distribuídos por quinze países, faturava 17,3 bilhões de reais e começava a colher os louros da proximidade com o governo petista. Pag. 172.

Capítulo 10, a autora descreve as dificuldades das transações financeiras com os operadores dos partidos políticos, e então entra em cena Alberto Youssef, doleiro paranaense que ascendera no ecossistema do câmbio paralelo e da lavagem de dinheiro, mantendo com Janene uma ligação antiga. Foi a solução para as empreiteiras e os políticos resolverem as questões físicas do volume de dinheiro da corrupção/propina do dinheiro público. Pag. 177. Mas nem tudo eram flores, em 2005, relata a autora, o governo Lula sangrava, atingido pelo escândalo do mensalão, sendo a revista Veja foi a primeira a publicar este fato. Pag. 186. Apesar de todos os escândalos, Lula consegue se reeleger em 2006, e toma posse em 1 de janeiro de 2007. A autora descreve na página 192 que tanto Lula, quanto José Serra receberam 15 milhões de reais da Odebrecht para as campanhas. Palocci se elegeu deputado federal, apesar de todas as acusações sobre ele. Pag. 193.

Capítulo 11, neste episódio a autora descreve o tenso relacionamento de Marcelo Odebrecht com a então Ministra, Dilma Rousseff, que depois de alguns anos mais tarde iria se tornar a presidente do Brasil. Mas, o relacionamento melhorou depois da intervenção de Lula e Guido Mantega que era o operador do PT na época. Pag. 202. Neste capítulo também a autora descreve o aparecimento da cervejaria Petrópolis, que deu a solução para o volume de dinheiro, pois eles iriam usar dinheiro vivo nas negociações com os políticos. Pag. 204. Havia uma boa relação entre a cervejaria e o departamento de operações estruturadas da Odebrecht. Pag. 205. Neste cenário, aparece também o Paulo Preto, que era operador do PSDB, Geraldo Alckmin e José Serra. Pag. 207. Na página 210, a autora descreve um acerto que Marcelo Odebrecht fez com o candidato a presidente Aécio Neves, de 50 milhões de reais.

Capítulo 12, a autora descreve o bom desempenho de Marcelo junto a empresa e sua boa relação com o governo petista, ganhando obras não só no Brasil como em outros países da América

Latina e África, obras estas que eram financiadas com o dinheiro do BNDS, que é um banco de fomento brasileiro a republiquetas com viés ideológico de esquerda, e boa parte deste dinheiro dificilmente voltaria para o Brasil. Mas, nesta época em 2009, o país crescia 9% e ninguém estava preocupado com a corrupção, não era a narrativa do momento. Foi lançado o filme sobre a vida de Lula, as Olimpíadas e a copa do mundo de futebol, tudo isso servindo para alimentar os anseios do povo brasileiro. Pag. 222.

Capítulo 13 é o mais extenso, com 52 páginas, a autora descreve como Emílio Odebrecht relata a ganância do PT por dinheiro e como havia aumentado o valor da propina/corrupção. Temos também fotos e a lista da Odebrecht de propina com os codinomes dos políticos. As fotos da prisão de Marcelo e demais agentes públicos nas fases da Lava Jato que começam a dar resultados práticos de processos e prisões de altos figurões nacionais.

Capítulo 14, trata da relação da Odebrecht com os marqueteiros das campanhas e explica como o dinheiro era transferido. A solução foi comprar um banco no exterior para ninguém desconfiar do grande volume de dinheiro transacionados com os políticos e agentes públicos. Quase como a solução final, relatada no livro de Hannah Arendt, sobre o Holocausto.

Capítulo 15, a autora traz a luz, as eternas discussões e desentendimentos entre pai e filho, Emílio e Marcelo Odebrecht, sobre como lidar com os políticos e o departamento de corrupção estruturada que a empresa montou para atender as demandas dos partidos políticos, agentes públicos e políticos em geral. Disserta também como Lula passou a ser o garoto propaganda da Odebrecht pelo mundo, usando o instituto Lula como fachada e recebendo dinheiro da empresa para induzir obras no exterior com o dinheiro do BNDS. Tudo ia bem, até aparecer a Lava Jato e o Juiz Sergio Moro. Impossível não citar Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho tinha uma pedra”. Ainda bem que ainda temos pedras no Brasil!

Capítulo 16, a autora descreve o primeiro governo de Dilma, chamado pela oposição de “Poste de Lula”, e seu relacionamento com Marcelo Odebrecht, relatando os problemas que a empresa enfrentava de caixa e também a entrada da Lava Jato, que em 2014 já se encontrava nas ruas do Brasil prendendo os figurões de Brasília.

Capítulo 17, a autora trata da prisão de Youssef e a preocupação que este episódio trouxe ao Marcelo Odebrecht, com medo que isto tudo chegasse na Odebrecht, via delação premiada, fato que acabou acontecendo algum tempo depois. A casa começa a cair e o aparelhamento da mídia e dos agentes públicos começa a aparecer via delação dos operadores que entregaram seus parceiros do crime. O Brasil e o mundo assistem a tudo com perplexidade ao ver o volume e o tamanho da corrupção descrita pela Lava Jato, algo nunca antes visto no mundo.

Capítulo 18, com a segunda prisão de Paulo Roberto Costa, Marcelo Odebrecht ficou apavorado e foi conversar com a Dilma, relatando posteriormente para seus colegas de trabalho que a presidenta era autista, ... “para Marcelo, aquela parecia ser a prova cabal de que Dilma era autista”. Pag. 333. Marcelo avisou a presidenta que toda a sua campanha foi financiada com dinheiro de caixa

dois, fruto de obras superfaturadas e desvio de dinheiro público. Deste dia em diante, Dilma começou a evitar falar e se encontrar com Marcelo. Pag. 333.

Capítulo 19, em 10 de março de 2015 Barusco se apresentou a CPI e diante das câmeras de tv, o ex-gerente admitiu que recebia subornos da Petrobrás desde os anos 90. Neste capítulo aparece também João Vaccari, o tesoureiro do PT, e sua relação com Renato Duque. Começaram assim, as delações premiadas e todos temiam pelo pior; que Dilma saísse do palácio algemada pela polícia federal. Mas, com a intervenção de Temer, agindo politicamente, costura uma saída que atendeu todos os agentes envolvidos nesta trama. Com o impeachment da Dilma, Temer acaba assumindo a presidência do Brasil, um sonho antigo do vice-presidente, acomodando, assim, a briga nos bastidores do poder.

Capítulo 20, Marcelo Odebrecht é levado preso pela polícia federal em 19 de junho de 2015, tendo sido preso em caráter preventivo durante a 14ª fase da Operação Lava Jato, batizada de "Erga Omnes". Essa expressão em latim é um jargão jurídico usado para expressar que uma regra vale para todos e que ninguém está acima de Lei. Mas, todos sabemos que aqui no Brasil isso não é bem assim. Na cadeia, Marcelo inicialmente ficava emocionado com os cartazes de mensagens enviados pelas filhas, mas depois acaba por proibir a esposa de levá-las para visitá-lo em Curitiba na prisão. Era questão de meses para o Brasil e o mundo ficassem sabendo em detalhes como operava a maior empreiteira do Brasil e uma das maiores do mundo com o departamento de propina aos políticos, agentes públicos e empresários do setor midiático. Emílio foi visitar o filho na cadeia, no final de setembro de 2015, mas a relação entre os dois já não estava bem. Marcelo reclamava o tempo todo do juiz Sergio Moro, alegando que suas decisões eram infundadas e despropositadas e que ele não ouvia todas as partes envolvidas no processo. Pag. 408.

Capítulo 21, a autora disserta como foi o papel da polícia federal e na operação Lava Jato, que com a prisão de Maria Lúcia Tavares, que cuidava do departamento de operações estruturadas há seis anos, trouxe provas robustas da participação de agentes públicos e políticos no esquema de corrupção da Odebrecht, realizadas para ganhar obras junto ao governo federal. Assim descreve a autora, “Na mesma manhã em que uma equipe da PF vasculhava a casa de Maria Lúcia em Salvador, outro grupo prendia, num apartamento que Benedicto Júnior mantinha em Copacabana, um lote de papéis que era praticamente um glossário de codinomes, identificando mais de duzentos políticos. Só então se soube que, no dicionário secreto da Odebrecht, Eduardo Cunha era o Caranguejo; Eduardo Paes, prefeito do Rio, o Nervosinho; o governador do Rio, Sérgio Cabral, o Proximus; Renan Calheiros, presidente do Senado, Atleta; a deputada federal Manuela D’Avila, do PCDoB, Avião”, página, 422. Marcelo então começa a fazer pedidos para Emílio sobre como faria sua delação premiada, quase sufocando a empresa com pedidos de dinheiro para suas filhas e esposa.

Capítulo 22, descreve como se deu a delação premiada de Marcelo e como era a relação entre os procuradores e o juiz Sergio Moro da Lava Jato. Tudo isto depois colocado em público pelo site

Intercept Brasil. Houve também a delação de Emílio Odebrecht e sua relação com o presidente Lula, seu pedido da reforma do sítio, que fora feito pela mulher do presidente, e a reforma do tríplex do Guarujá. Marcelo também conta como foi traído pela sua irmã Mônica e seu cunhado.

Capítulo 23, aborda como foi realizado o acordo entre os executivos da Odebrecht e os promotores da Lava Jato. De um lado os promotores pediam nomes e provas, do outro havia uma apreensão e sempre solicitavam que os advogados da empresa intercedessem para arrumar o acordo sem prejuízo para a companhia. E assim, foi fechado o maior acordo de delação premiada do mundo, trazendo à tona segredos de presidentes, ex-presidentes e políticos de todos os calibres em doze países da América Latina e da África. A soma das penas chegava a mais de 353 anos de prisão, totalizando 1,1 bilhão de reais que deveriam voltar aos cofres públicos.

Capítulo 24, já nos desfechos finais a autora explica como foi o acordo com o governo americano e como o mundo soube então, que desde 2001, a Odebrecht havia pagado 788 milhões de dólares em propinas à presidentes da República e funcionários dos governos de doze países na América Latina e na África. Pag. 488. No Brasil de 2017, a atuação do STF destacou-se com um papel fundamental para que a Lava Jato pudesse realizar suas prisões por todo o país.

Capítulo 25, e no final tudo se ajeita! Marcelo sai da prisão depois de passar dois anos e meio preso em Curitiba, em regime fechado, e ter uma pena para cumprir de 19,4 anos de prisão, após ressarcir aos cofres públicos em mais de 1 bilhão de reais. Marcelo tenta voltar à companhia, mas foi demitido pelo seu pai, Emílio Odebrecht. E assim, começa uma briga judicial entre pai e filho para decidir quem ficará com os espólios da companhia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desafiador sintetizar e comentar uma obra com tantos detalhes, nomes, datas, valores e relações entre agentes, uma obra extensa e rica, se parecendo as vezes com um relatório policial, mostrando como foi a relação dos empresários, principalmente do segmento de empreiteiras com o governo federal, nas últimas décadas. Como comentar 639 páginas em 9? Portanto, foi apresentado apenas um pequeno aperitivo desta magnifica obra da jornalista Malu Gaspar. E como foi difícil não se envolver nos conteúdos dissertados pela autora, inevitável sentir profundo mal-estar quando descobrimos fatos tão importantes, expostos apenas superficialmente pelas TVs e jornais. Foi decepcionante descobrir que muitos dos nossos heróis políticos passaram pelo caixa 2 da Odebrecht. Sim, o livro traz uma explicação de como eram realizadas quase todas as licitações do governo e quem iria ganhar, bem como o valor superfaturado seria dividido entre os políticos, agentes públicos e empresários envolvidos no processo. Como uma campanha de mídia encomendada por empresários e políticos mudaria uma narrativa e colocaria outra no lugar! Uma verdadeira sangria nos cofres públicos da União, orquestrada por uma parte da nossa elite política e

empresarial. Por conta disso, nunca temos verba no orçamento para melhorar um pouco a vida do povo brasileiro, que ainda no século XXI, possui 50% das residências sem saneamento básico e uma carga tributária que chega a 36% do PIB. Nunca há dinheiro suficiente para políticas públicas, e nunca haverá, enquanto o povo, na sua grande maioria, for individualista - não ter um pensamento como nação - e pouco político para lidar com questões importantes socialmente. Sempre agimos no varejo e esquecemos que coletivamente somos mais fortes, mas interesses individuais nos proíbem de sermos mais efetivos nas questões de ordem pública. Sempre estamos delegando aos outros o que deve ser feito, e esquecemos que também somos os "outros" neste imenso país, que precisa de cada um de nós para institucionalizarmos políticas públicas e ordenamento jurídico que funcionem de verdade, e que a Lei realmente seja para todos, e não privilégio para alguns apenas. É preciso acreditar que o Brasil tem jeito! Precisamos apenas acreditar que isto seja possível e cada um de nós entrarmos com a nossa cota de sacrifício. Pagar impostos e ser um cidadão do bem é muito pouco, o país precisa mais! Passou da hora em que a casa precisa ser limpa e permanecer limpa.

REFERÊNCIA

GASPAR, Malu. A ORGANIZAÇÃO – A Odebrecht e o esquema de corrupção que chocou o mundo. 1 edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

